

AMIGO PET

A aprazível casa em que resido, na bonita e cobiçada Ilhabela, tem um amplo quintal com piscina, guardado por dois cães pastor belga, a mesma raça usada pela polícia em suas investigações. Ao fundo há um portão permanentemente trancado, que dá acesso a uma área com algumas árvores frutíferas e uma pequena cachoeira de águas límpidas que descem do morro. Pois é nesse espaço de terra que tem sido sepultados os pets que morrem geralmente por velhice, tão bem tratados que são por minha filha. O “coveiro” é meu genro, que tem afirmado que logo não haverá mais lugar para o sepultamento de nenhum animal de estimação.

Atualmente são três cães grandes da raça malinois (lê-se “malinoá”), a Jaka, bastante idosa, seu filho Kedar, e o criação Lip, com muita energia e uma facilidade incrível para aprender novos comportamentos, mas que só quer brincar. Contudo com estranhos ele é bastante bravo. Além deles, duas pequenas cadelas, a pretinha Cloé e a branquinha Lola. Meu genro leva-os todos, pela manhã, a passear na rua fronteiriça à casa.

Ana Lúcia, minha filha, tem um amor incomensurável pelos pets. Há alguns anos chegou a resgatar, com grande perigo pessoal, um vira lata que se achava no canteiro central da Marginal do Tietê, na capital do Estado e que fatalmente seria atropelado. E todas as noites alimenta, com ração própria, ariscos gatinhos selvagens que habitam as matas aqui de Ilhabela. É muito gratificante ver como eles correm para a borda do mato a fim de receber a comida, assim que ouvem o ronco do carro se aproximando.

Quase todas as famílias, mesmo as que não têm grandes recursos financeiros, possuem animais de estimação,

dos quais cuidam com carinho, alimentando-os de forma correta, levando-os a banhos que os deixam perfumados, comprando-lhes remédios, mesmo que não sejam baratos, quando ficam doentes. A maioria deles dorme no interior da residência, em camas coloridas e fofas.

Não somente os pets, mas todos os animais da face da terra, mamíferos, ofídios, peixes, aves e até mesmo insetos, são obra da criação, merecendo por isso nossos cuidados, cada um vivendo de seu modo e no meio natural que lhes é próprio. Podemos, evidentemente, combater os que nos são nocivos e cuidar dos domésticos, mas não temos nenhum direito de eliminar os outros. É, enfim, o respeito à natureza que nos distingue como seres humanos mais evoluídos.

Ainda há poucos dias, manso vira lata, um simpático “guaieca” (rabo curto, em tupi-guarani), como se costuma dizer no sul do país, adotado por comunidade em Santa Catarina, onde era muito querido, ou seja, o cão Orelha, foi violentamente espancado ao que consta por alguns adolescentes, a tal ponto que precisou ser sacrificado. Segundo o Delegado de Polícia que investiga o caso, existe um “site” que incentiva usuários a agir daquela maneira cruel e despropositada com cães e gatos. Será mesmo, fico pensando, que há pessoas com tão baixos instintos?

Mas também há notícias que me fazem acreditar na bondade humana. O Poder Legislativo paulista aprovou projeto de lei autorizando que animais de estimação sejam sepultados no jazigo da família de seus tutores. Um segundo projeto aprovado instituiu o Cartão Bolsa Ração, destinado a pessoas de baixa renda que também têm algum Pet.

Como afirma meu amigo Erasmo, a humanidade gradativamente evolui para um grau maior de perfeição. Também o pescador Raimundo, velho conhecido de todas as pessoas que

me leem, gostaria que o cãozinho Duque pudesse ser sepultado ao lado de seu próprio túmulo. Mas, como ainda pretende viver por uns bons anos, acha melhor que ele seja cremado e as cinzas jogadas ao mar. Eu da mesma forma gostaria que a pretinha e barulhenta Cloé, de quem lhes falei no início da presença crônica, igualmente fosse sepultada ao lado de meu corpo físico, quando chegasse o momento de minha partida para o mundo espiritual, que é o fim inexorável de todos os viventes...

VIGANÓ

ndarly.vigano@gmail.com